

LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO

O trato dos viventes

Formação do Brasil no Atlântico Sul

Séculos XVI e XVII

13ª reimpressão



Sumário

Prefácio	9
I. O aprendizado da colonização	II
Caminhos dos colonos.....	12
Reparos da Metrópole	21
O escopo do comércio português	29
Instrumentos de política colonial	33
Demanda e oferta, qual é o “primum mobile”?	41
2. Africanos, “os escravos de Guiné”	44
Ventos negreiros.....	57
São Tomé — Laboratório tropical	63
Conquista e catequese na África Central.....	70
3. Lisboa, capital negreira do Ocidente.....	77
O mercado ibero-americano	78
Cativos e escravos.....	86
Experimentos sul-atlânticos.....	89
Preadores, assentistas, governadores e banqueiros.....	96

Guerra e comércio no Atlântico Sul.....	105
Luanda, o Rio de Janeiro e o rio da Prata.....	109
Mercadoria aglutinante e mercadoria ancilar.....	114
Um comércio triangular?.....	116
 4. Índios, os “escravos da terra”	117
O trabalho compulsório indígena.....	119
O tráfico de índios	122
As duas frentes militares portuguesas	122
Entraves estruturais ao trato continental dos índios.....	125
A unificação microbiana do mundo	127
Doutores e empíricos	133
A escravidão africana e o desencravamento da Amazônia	138
O desenraizamento do cativo na África e na América	144
A reprodução social dos escravos.....	148
 5. A evangelização numa só colônia	155
O antiescravismo dos santos sacramentos	162
A teoria negreira jesuíta.....	168
“Descimento” de índios e tráfico de africanos	180
A bipolaridade do escravismo luso-brasilico	186
 6. As guerras pelos mercados de escravos	188
O ciclo do trato de índios	190
Peruleiros e bandeirantes	199
O expansionismo atlântico fluminense	199
O cativo indígena e o autonomismo paulista	204
A guerra pelos africanos	209
Nassau: “príncipe humanista” e negreiro.....	210
Produtores coloniais versus acionistas metropolitanos	215
Contra-ataque luso-brasilico em Angola	218
Luanda, a batalha estratégica do Atlântico.....	221
Quem reconquistou Angola?.....	231
Refluxo do tráfico de índios.....	238
Palmares e o paradoxo de Domingos Jorge Velho	238
Adequação espacial e adequação social da colonização	243

7. Angola brasílica	247
A mandioca nos tumbeiros e nas feiras africanas	251
Zimbo, jimbo.....	256
O condomínio lusitano, angolista e brasílico na África Central.....	259
A jornada dos negreiros.....	262
A ajuda inaciana na reconquista de Angola.....	266
Os sucessores de Salvador de Sá em Luanda.....	271
João Fernandes Vieira em Angola	274
A maravilhosa conversão da rainha Jinga.....	277
O Congo cismático.....	284
Negreiros e o desbarato do Congo.....	287
Ambuíla: a batalha tricontinental.....	290
Táticas brasílicas nas guerras africanas.....	294
Quartelada em Luanda e punhaladas no Recife.....	297
Continuidade brasílica na África Central.....	300
O novo pacto político entre a Corte e os guerreiros ultramarinos.....	302
A conquista dos mercados africanos pela cachaça	307
O vinho, as aguardentes europeias e o malafo.....	311
A vitória da cachaça.....	312
Os tumultos dos jeribiteiros	314
As contas do trato bilateral Brasil-África	323
Conclusão — Singularidade do Brasil.....	327
A reafirmação da política de feitorias na África Central portuguesa.....	330
O repovoamento da América portuguesa	336
O gado contra os índios.....	340
A invenção do mulato	345
Apêndice 1 — Luís Mendes de Vasconcelos e seus filhos.....	357
Apêndice 2 — O abastecimento das capitanias do Norte pelas capitanias do Sul durante a guerra holandesa	361
Apêndice 3 — A família de Salvador Correa de Sá e Benevides	365
Apêndice 4 — A alegada proclamação de Amador Bueno em 1641.....	367
Apêndice 5 — Notas sobre alguns expedicionários portugueses e brasílicos da força-tarefa de 1648 que reconquistou Angola.....	369

Apêndice 6 — Armas de fogo manuais no Atlântico seiscentista português ..	371
Apêndice 7 — Sobre o número de escravos saídos de Angola e entrados no Brasil nos séculos XVI e XVII	375
Notas	381
Abreviações utilizadas.....	471
Fontes e bibliografia citadas.....	473
Crédito de ilustrações	513
Índice onomástico.....	515
Sobre o autor	525

Prefácio

“Formação do Brasil no Atlântico Sul”: o leitor que bateu o olho na capa do livro estará intrigado com o subtítulo. Quer dizer então que o Brasil se formou fora do Brasil? É exatamente isso: tal é o paradoxo histórico que pretendo demonstrar nas páginas seguintes.

Nossa história colonial não se confunde com a continuidade do nosso território colonial. Sempre se pensou o Brasil fora do Brasil, mas de maneira incompleta: o país aparece no prolongamento da Europa. Ora, a ideia exposta neste livro é diferente e relativamente simples: a colonização portuguesa, fundada no escravismo, deu lugar a um espaço econômico e social bipolar, englobando uma zona de produção escravista situada no litoral da América do Sul e uma zona de reprodução de escravos centrada em Angola. Desde o final do século XVI, surge um espaço aterritorial, um arquipélago lusófono composto dos enclaves da América portuguesa e das feitorias de Angola. É daí que emerge o Brasil no século XVIII. Não se trata, ao longo dos capítulos, de estudar de forma comparativa as colônias portuguesas no Atlântico. O que se quer, ao contrário, é mostrar como essas duas partes unidas pelo oceano se completam num só sistema de exploração colonial cuja singularidade ainda marca profundamente o Brasil contemporâneo.

Duas palavras mais sobre o método e o estilo. Por razões explicadas adiante, os números do tráfico negreiro são problemáticos para os séculos XVI e XVII.

Na circunstância, a análise quantitativa da deportação de africanos para a América só ganha verdadeiro alcance nos séculos XVIII e XIX, período que será objeto de um próximo livro. Assim, as indicações estatísticas apresentadas restringem-se à distribuição dos principais agregados e às evoluções mais nítidas no tempo e no espaço atlântico.

A propósito do modo de escrever, é preciso notar que o território do historiador da Colônia deve abranger toda a extensão da lusofonia, da documentação ultramarina onde estão registrados os contatos entre as culturas que nos formaram. Além do mais, numa cultura tradicionalmente oral como a nossa, um meio privilegiado de patentear a presença do passado consiste em dar relevo à perenidade das palavras. Das palavras, dos coloquialismos — ainda vivos agora — grafados nos textos, na linguagem das estradas, das ruelas e das praias brasileiras. Por isso, da leitura dos documentos e dos textos seiscentistas, retomei expressões que encadeiam a narrativa das oito partes do livro.

Nas quebradas do mundo, há um momento de verdade em que muitas coisas se definem. Meu momento de verdade sucedeu em 1972-3, quando recebi no estrangeiro a notícia vinda do Brasil de que três de meus companheiros de Universidade (de Brasília e de Aix-en-Provence) tinham sido assassinados pela ditadura. Entender a sua morte, entender o Brasil, era o que queria fazer dali em diante, é o que tento fazer neste livro, dedicado à memória sempre presente de Heleny Guariba, Paulo de Tarso Celestino e Honestino Guimarães.

Paris — São Paulo
Luiz Felipe de Alencastro